

A formação do integralismo brasileiro e a literatura de Plínio Salgado

*Leandro Pereira Gonçalves**

Plínio Salgado nasceu no ano de 1895 em São Bento do Sapucaí e desde a infância pode-se perceber a presença de um forte componente intelectual, principalmente pelos hábitos familiares que foram responsáveis pela elaboração da trajetória de vida do líder da Ação Integralista Brasileira, movimento de extrema-direita existente no Brasil na década de 1930. Aliado a política, Plínio Salgado, possui uma forte relevância literária e cultural, elementos utilizados pelo autor na intenção de abrir espaço para a organização política em torno do integralismo. Tendo como referência os textos produzidos pelo autor no período, busca-se compreender a associação estabelecida entre literatura e política que foi o discurso central em torno do movimento cultural. Percebe-se um autor preocupado com o seu autoengrandecimento e possibilidades de visibilidade no contexto intelectual brasileiro.

Palavras-chave: Plínio Salgado, Literatura, Integralismo

Ação Integralista Brasileira (AIB) foi criada oficialmente no dia 7 de outubro de 1932, na cidade de São Paulo, estabelecendo-se como um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento ascendente até a decretação do Estado Novo brasileiro, em novembro de 1937.

Através desse movimento político destaca-se Plínio Salgado, líder do grupo que se apresentava como um movimento de despertar da nação. O integralismo, por meio de um forte discurso com uma sólida base cristã,

* Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com estágio (Investigador Visitante Júnior) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Plínio Salgado was born in 1895 in São Bento do Sapucaí since childhood and can perceive the presence of a strong intellectual component, mainly by family habits that were responsible for the life trajectory of the leader of Action Integralista Brazilian movement extreme right existing in Brazil in the 1930s. Allied politics, Plínio Salgado, has a strong literary and cultural relevance, elements used by the author in an attempt to make room for the political organization of fundamentalism

around. With reference to the texts produced by the author in the period, we seek to understand the association established between literature and politics who was the keynote speech about the cultural movement. Perceives an author concerned with your auto-engrandecimento and possibilities of visibility in Brazilian intellectual context.

Keywords: Plínio Salgado, Literature, Integralism

canalizava para a ação política as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação no processo político.

A AIB pode ser caracterizada como “mais bem sucedido dos movimentos fascistas latino-americanos”.¹ Análises levantam a existência do fascismo fora do continente europeu, sendo o integralismo o único caso de movimento fascista latino-americano.² Não há dúvidas de que o momento auge do movimento e de Plínio Salgado na política brasileira foi o período relativo à legalidade da AIB, no contexto de “fascitização” que viveu o Brasil nos anos 1930.³ Com esse movimento, Salgado se consolidou como líder e intelectual com pretensões ambiciosas na sociedade brasileira durante o período entre guerras.

O líder integralista Plínio Salgado sempre teve uma grande participação política e tornou-se um escritor conhecido a partir de 1919, ao publicar uma coletânea de poemas intitulada: *Thabôr*. Na década seguinte, após o sucesso de seu primeiro romance, passou a ser conhecido como um verdadeiro intelectual. A obra *O estrangeiro*, ao lado dos livros: *O esperado* e *O cavaleiro de Itararé* formaram a trilogia romanesca denominada “Crônicas da Vida Brasileira”. Plínio Salgado escreveu mais três romances: *A voz do oeste*, em 1934; *Trepandé* – redigido entre 1938 e 1939, mas publicado apenas em 1972 – e *O dono do mundo*, romance que não foi finalizado, sendo publicado apenas no ano de 1999. A composição ficcio-

¹ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis*: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p.143.

² GRIFFIN, Roger. The nation reborn: a new ideal type of generic fascism. *Paper apresentado no XV World Congress of the IPSA*, Buenos Aires, julho de 1991, p.33-38.

³ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário*: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997, p.16.

nal de Plínio Salgado abrange ainda a literatura infantil, quando em 1951, lança a obra: *Sete noites de Joãozinho*, além de produções poéticas como: *Poema da fortaleza de Santa Cruz*, em 1948 e uma coletânea assinada pelo pseudônimo de Ezequiel, *Poemas do século tenebroso*, no ano de 1961. Plínio Salgado publicou ainda outras dezenas de obras com temáticas políticas, religiosas, sociológicas, filosóficas, além de vários estudos não publicados e depositados no Fundo Plínio Salgado no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.⁴

Desde pequeno, foi fortemente influenciado pela presença de uma doutrina cristã e autoritária. De ancestralidade espanhola, a família do pai, coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado e da mãe, Senhora Anna Francisca Rennó Cortez são vistas em tom memorialísticos como “modelos de honradez e de virtudes cristãs e cívicas.”⁵ A imagem de defensor dos valores do cristianismo sempre foi a marca central de Plínio Salgado, algo feito por ele próprio e pelos seguidores da doutrina, como a passagem citada em que o biógrafo da década de 50, buscou na genealogia explicações, fazendo com que os militantes enxergassem que o discurso de fato seria na verdade uma espécie de missão recebida por Deus.

Filho de um coronel e de uma professora, nasceu em 1895 na cidade do interior de São Paulo, São Bento do Sapucaí.⁶ A cidade e o pai eram enxergados pelo autor como:

Um município onde não havia oposição, dado o *poder e fascinação da figura do chefe*. Profundamente nacionalista, costumava reunir os filhos à noite, narrando-lhes as façanhas de Osório, de Caxias, os episódios das vidas dos grandes estadistas do Império. A mãe de Plínio Salgado era professora e *estimulava*

⁴ A cidade de Rio Claro no interior de São Paulo recebeu em 1985, a doação de todos os documentos pessoais e políticos das mãos da viúva de Plínio Salgado, Carmela Patti Salgado. Rio Claro foi uma das principais cidades integralistas do Brasil. Segundo Plínio Salgado ao mencionar a cidade do interior de São Paulo: “A ideia integralista empolgou a cidade, que é uma das mais importantes da Província.” SALGADO, Plínio. Do sertão Paulista – Escrito na Fazenda Palmeira em Taquaritinga em 2 de agosto de 1934. In: SALGADO, Plínio. *Cartas aos camisas verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 22.

⁵ ALBUQUERQUE, Carlos de Faria. *Plínio Salgado*: resumo biográfico. Salvador: Gazeta dos Municípios, 1951, p. 9. O biógrafo de Plínio Salgado era um correligionário do Partido de Representação Popular.

⁶ “Quando nasceu em 22 de janeiro de 1895, a cidade natal de Plínio Salgado, São Bento do Sapucaí, pertencia ao Estado de Minas Gerais, passando, posteriormente, ao território paulista.” SALGADO, Plínio. *Vida de Jesus*. 19 ed. Belo Horizonte: Difusão Pan Americana do Livro, 1964, contracapa.

os filhos a lutar por Deus e pela Pátria, sendo ela própria que os ensinou a ler e lhes deu as primeiras lições de História, Geografia, Aritmética e Francês.⁷

Com este trecho da história de vida do autor, vários elementos podem ser detectados como sendo pertencentes à doutrina de Plínio Salgado, pois mostra a fascinação pelo poder do chefe, justamente o que ele se transformou com a fundação da Ação Integralista Brasileira, o Chefe supremo e absoluto.⁸ Salgado se transformou em um líder com a seguinte caracterização:

A organização integralista, inspirando-se nos modelos fascistas, é dirigida por um Chefe Nacional. Os estatutos lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder *centralizado, total e permanente*. [...] A fidelidade ao Chefe é o corolário de seu poder ilimitado. [...] A valorização da fidelidade ao Chefe teve como consequência o culto da sua personalidade. Além de dispor de um poder legal vinculando seus adeptos por um juramento de fidelidade, Salgado possuía, com suas qualidades de orador, o carisma pessoal do chefe fascista.⁹

Antes, porém, no início dos anos de 20, ocorreu uma grande transformação da maneira de se pensar como consequência de mudanças que passaram a existir após a Primeira Guerra Mundial, principalmente, na intelectualidade brasileira. O fim da guerra trouxe para o Brasil, como para outros cantos do mundo, a discussão de modernidade que já era latente.

Neste contexto, durante a década de 1920, reuniam-se importantes grupos de intelectuais no Brasil, especialmente em São Paulo. O ingrediente político central daquele período era a defesa da nacionalidade, através da busca da chamada “identidade nacional”. Entretanto, no panorama do pensamento político brasileiro de então, não havia um, mas vários nacionalismos em questão. Esses nacionalismos defendidos por tantos naqueles tempos, aparentemente, teriam sido semelhantes, mas apresentavam diversas formas de planos e de modelos para o Estado Nacional.

⁷ SALGADO, Plínio. *História da minha vida*, 1938. (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/ Fundo Plínio Salgado - APHRC/FPS-01.007.001, grifo nosso).

⁸ Com uma liderança indiscutível, conseguiu ultrapassar o limite da vida, uma vez que até hoje, em pleno século XXI consegue angariar adeptos para a causa integralista e continua sendo cultuado pelos adeptos do movimento conservador brasileiro.

⁹ TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2 ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979, p. 164-166.

Intelectuais engajados em projetos relacionados às suas concepções de sociedade brasileira, sob efeito de identidades distintas, iniciavam a busca do modelo ideal para o Brasil. A partir da década de 1920, desenvolveu-se uma nova concepção de civilização brasileira através de um caminho constante na formação de novos projetos e modelos de nação.

O desenvolvimento do nacionalismo político cabe ao intelectual que no período modernista não aceitava mais a ideia de uma “inferioridade étnica” que persistia no Brasil do período entre guerras, a partir da perspectiva do “espelho” europeu, mesmo que essa relação tenha contribuído para o processo de criação da identidade nacional em período precedente.

A interlocução entre os intelectuais europeus e brasileiros nesse movimento ajudava a construir um espelho de dupla face em que, de um lado, a Europa construía uma ideia sobre a emergência das novas unidades políticas do Novo Mundo e, de outro, as unidades políticas latino-americanas avaliavam suas chances de serem aceitas no mundo das nações civilizadas. O principal subproduto desse movimento foi o de ajudar a construir a imagem que as elites faziam de si próprias. A consolidação de um imaginário territorial, a construção de uma identidade política e a escritura de uma história nacional foram alguns dos elementos centrais desse processo.¹⁰

Os intelectuais da década de 20 buscavam a organização da ideia de nacionalidade a partir de modelos específicos de Estado. Apropriando-se de divergentes conceitos de nação, propunham novas perspectivas para o Brasil sendo reflexos da conjuntura internacional que anunciava um declínio da Europa e a aurora americana.

Plínio Salgado alcançou o espaço no grupo modernista após algumas atuações jornalísticas¹¹ e pequenas publicações, mas de fato a importância para o autor neste momento não era de fato a atuação nos jornais, mas o círculo de contatos que criou, pois o desenvolvimento político e cultural foram aspectos presentes com intensidade neste período. Através de contatos com grupos de

¹⁰ COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis. (orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 35-36.

¹¹ Inicialmente em São Paulo trabalho nos jornais: *Correio Paulistano* e *A Gazeta*

intelectuais paulistanos, o líder dos integralistas foi aos poucos promovendo uma inserção no meio cultural na ótica política:

Os contatos com os grupos intelectuais e políticos, seja nas reuniões que realizava na pensão em que morava, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, seja nas discussões políticas e modernistas na redação do *Correio Paulistano*, abrem novas perspectivas para a formação cultural e política de Salgado.¹²

Naquela época, a chefia de redação estava a cargo do poeta Menotti del Picchia, que promoveu Plínio a revisor de redação do jornal. O contato do líder integralista com o ambiente cultural que o jornal promovia foi crucial para a criação do tempo da formação cultural nacionalista.

Na redação do órgão oficial do Partido Republicano Paulista ele encontra o ambiente político e intelectual de que necessitava. Os jornalistas estão em contato permanente com os dirigentes do Partido, o que abre a possibilidade de uma eventual carreira política. Na situação de Salgado, jovem e ambicioso e oriundo de uma pequena cidade do interior, esta é a situação ideal. Ao mesmo tempo um ambiente intelectual de vanguarda, já que a maioria dos redatores apoia o movimento modernista, do qual o redator-chefe, Menotti del Picchia, é um dos líderes.¹³

A influência que Plínio Salgado passou a ter neste momento era visível, o movimento de vanguarda nos padrões modernistas era o debate ideal de que o autor necessitava para aprimorar o autodidatismo, mantendo os conhecimentos e valores nacionalistas e cristãos que levou de São Bento do Sapucaí para São Paulo. A ação de Plínio neste momento era necessária principalmente para romper com os vínculos oligárquicos existentes na Primeira República.

No período do *Correio Paulistano* antes mesmo no crucial ano de 1922 com a realização da Semana de Arte Moderna e todas as repercuções, demonstrava relacionamentos e avanços culturais. Nos anos de 1920 e 1921, o autor publicou na respeitada *Revista do Brasil*¹⁴ **coordenada por Monteiro Lobato**. O periódico que foi fundado em 1916 tinha como característica básica a defesa e análise

¹² TRINDADE, Hélio. *Op. cit.*, p. 39.

¹³ *Ibidem*, p. 40.

¹⁴ SALGADO, Plínio. Não matarás. *Revista do Brasil*: Seção de obras de “O Estado de S. Paulo”, out. n.58, p. 142-145, 1920; SALGADO, Plínio. O Bello poema do Lexicon. *Revista do Brasil*: Seção de obras de “O Estado de S. Paulo”, out. n.70, p.108-111, 1921

cultural de cunho nacionalista, o espaço adequado para ele. No ano de 1918, Monteiro Lobato adquiriu a revista e passou a abrir espaços para novos talentos como uma expressão dos valores nacionalistas. Em 1926, ao escrever no jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro sobre o romance *O estrangeiro*, Lobato disse que:

Vem de S. Paulo um livro que vale pela mais pura revelação artística destes últimos tempos. *O estrangeiro*, de Plínio Salgado [...] Todo o livro [...] é uma inaudita riqueza de novidades bárbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa acadêmica – só força, a força pura [...] Plínio Salgado é uma força nova com a qual o país tem que contar.¹⁵

Nota-se a admiração de Lobato por Plínio, uma vez que é de conhecimento a rispidez pela qual tratava os modernistas. Apesar de ser um defensor do nacionalismo, assim como parte dos modernistas, Monteiro Lobato não compactuava com os rumos do grupo intelectual brasileiro e se transformou assim, em um crítico ferrenho do movimento, mesmo possuindo uma visão nacionalista e sendo transformado em um dos símbolos da luta pelo petróleo brasileiro.

Com uma concepção nacionalista, ocorreu a Semana de Arte Moderna, que aconteceu nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. O evento contou com a presença de um grupo considerado inovador e que encarou, através da ironia e ou da gravidade, a forma de identificar o Brasil em um período de grandes mudanças mundiais. Segundo Plínio Salgado: “Estávamos todos preparados para o grande movimento. Faltava aglutinar. E isto foi feito em fevereiro de 1922.”¹⁶ O autor completa: “Estávamos em 1922, ano do centenário da independência e também da revolução literária que trouxe o modernismo às nossas letras, sob a influência da Itália e da França, principalmente da França.”¹⁷ Nas décadas de 1960 e 1970, Plínio Salgado foi colunista dos *Diários Associados* de propriedade do Assis Chateaubriand e na edição paulista,

¹⁵ LOBATO, Monteiro. Forças novas. In: CARVALHO, José Baptista (edt.). *Plínio Salgado: in memorian - 1*. São Paulo: Voz do oeste; Casa de Plínio Salgado, 1985, p. 110-113.

¹⁶ SALGADO, Plínio. A semana da arte moderna no seu cinqüentenário (10-05-1972). In: SALGADO, Plínio. *Discursos parlamentares*. Seleção e introdução de Gumercindo Rocha Dorea. Série Perfil Parlamentares, Brasília: Câmara dos Deputados, 1982. v.18, p.576.

¹⁷ SALGADO, Plínio. Sentimentais. In: SALGADO, Plínio. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956b. v.20, p.357.

Diário de São Paulo de 15 de setembro de 1968, o autor escreveu um texto chamado: *Modernismo literário no Brasil* e nele analisou o movimento em questão:

Dois fatos influíram no sentido de trazer à nova geração as inquietações de que resultou a chamada ‘Semana de Arte Moderna’: o conhecimento do que se passava na Europa, onde surgiam o futurismo, o dadaísmo, o cubismo, o expressionismo, o abstracionismo; e o sentimento nacionalista [...] esses dois fatores levaram a nova geração: 1º) a buscar novas formas de expressão; 2º) a redescobrir o Brasil, pesquisando suas raízes étnicas e históricas, seus elementos dialetais, suas construções sintáticas, seu folclore, seus costumes, suas lendas e fábulas, suas características geográficas, zoológicas e botânicas.¹⁸

O movimento “deve ser entendido e interpretado como episódio inicial de uma sequência. Episódio inicial cujo alcance pode ser estimado no simples fato de corresponder, a rigor, ao lançamento da literatura brasileira.”¹⁹ A importância do movimento não tem sua origem no denominado mito fundador do modernismo, mas sim, no destaque da divulgação de uma cultura “genuinamente” brasileira.

Para Mário de Andrade, um dos idealizadores do evento, o modernismo foi uma ruptura, mas com revestimentos diretamente importados da Europa.²⁰ Dessa forma, vários retratos do Brasil foram criados entre os intelectuais da Semana que assumiriam, assim, o seu caráter heterogêneo de produzir visões sobre a nacionalidade. O modernismo brasileiro, que teve como ponto central a reflexão e a reinterpretação da cultura, representou a conscientização de que o desenvolvimento intelectual encontrava-se defasado diante do desenvolvimento do Brasil, o movimento abriu o caminho para a criação de diversas formas de entender identidade nacional.

Através de uma relação política que se constitui assim uma identidade [...] o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre numa in-

¹⁸ SALGADO, Plínio. Modernismo literário no Brasil. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 15 set. 1968.

¹⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976, p. 525-526.

²⁰ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1978, p. 235.

terpretação. [...] Todos, no entanto, se dedicam a uma interpretação do Brasil, a identidade sendo o resultado do jogo das relações apreendidas por cada autor.²¹

A formação da Semana é polivalente e está ligada a: “situações socioculturais que marcaram a vida brasileira desde o começo do século.”²² Demarcar o início do movimento é normalmente arbitrário, mas segundo Bosi é possível entender o porquê de ter sido São Paulo o núcleo irradiador do modernismo, sendo o ponto central a efervescência política existente na nascente metrópole industrial povoada de burgueses, proletários, caipiras e estrangeiros.²³ Nesse panorama, no meio da agitação cultural paulistana, estava Plínio Salgado que em 1944 ao refletir sobre o movimento apontou:

O ano de 1922, em que toda a juventude intelectual brasileira se reuniu fazendo deflagrar a revolução literária e artística num ímpeto destruidor de velhas fórmulas, foi também o ano da separação, desde o qual se assinalaram definitivos desencontros. É que, transposta a crise suscitada pela inquietação estética, vimos que a renovação da arte não passara de um derivativo da nossa angústia moral. O problema não era artístico, era religioso, porque envolvia uma concepção da vida e do mundo.²⁴

Anos após o movimento, vê-se um depoimento em que o destaque esteve concentrado na relação religiosa, sendo esta uma espécie de motor para o desenvolvimento de 1922. O preceito cristão continuava a ser a referência central para as ações culturais e políticas de Plínio Salgado que entrou no movimento de forma tímida e sob a tutela do redator-chefe do jornal, Menotti del Picchia que por sua vez, teve uma presença fundamental no processo da composição intelectual do autor. A presença do poeta foi muito importante para Salgado, pois foi ele quem o convenceu a abandonar a poesia parnasiana, estimulando-o a dedicar-se à prosa.²⁵ Assim, devido ao conselho, poemas como *Thabôr* não fizeram mais parte da composição pliniana. Após alguns escritos na *Revista do Brasil*, a cultura paulistana começou a ser aberta para Plínio Salgado como um intelectual de fato, com base nas repercussões autorais.

²¹ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e Identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 139.

²² BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cutrix, 1994, p. 303.

²³ *Ibidem*

²⁴ SALGADO, Plínio. Plínio Salgado diz porque, quando e como principiou a escrever a Vida de Jesus: conferência. *Novidades*, Lisboa, 06 abr 1944.

²⁵ TRINDADE, Hélio. *Op. cit.*, p. 40.

Dessa forma, antes de dar seguimento no processo analítico da composição autoral de Plínio Salgado, recorre-se a aspectos conceituais para analisar a criação literária: “O engajamento de alguns intelectuais é compreendido como sendo resultante de um momento histórico [...] responsáveis pela percepção de que as letras eram um importante instrumento de transformação da sociedade.”²⁶ Verifica-se que tais questões culturais servirão de reflexões para a formação de grupos políticos posteriores, como afirmou o próprio Plínio Salgado em 1969 ao analisar o período em artigo para o jornal *Diário de São Paulo*:

É inegável a influência que o ‘grupo’ paulista tem exercido nas letras e no pensamento político nacional. De todas as facções em que se dividiu o modernismo, desde 1922, os ‘verdeamarelistas’, pela firmeza de seus propósitos e segurança de seus objetivos, foram e são os sobreviventes de tudo quanto uma geração literária tentou a partir da famosa ‘Semana’ do Teatro Municipal de São Paulo.²⁷

Na Semana de Arte Moderna, Plínio Salgado apresentou um texto denominado: *Arte brasileira*²⁸, que fazia parte de uma série de reflexões que o autor desenvolveu na ocasião, temática também encontrada em: *A poesia em São Paulo no ano do centenário da independência*²⁹. Ambos os textos de 1922, sendo apenas o primeiro apresentado no evento, o segundo foi arquivado pelo autor e publicado apenas em 1956, momento do lançamento das *Obras completas*. O ano foi também de composição de alguns poemas, mas com poucas repercuções, exceção está em *O Eco*³⁰, poesia publicada originalmente no periódico modernista *Klaxon* de novembro de 1922.

²⁶ GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÉA, Maria de Fátima Silva. *Culturas Políticas: ensaios de história cultura, história política e ensino de história*. Mauad, 2005, p.273.

²⁷ SALGADO, Plínio. O grupo verdeamarelo. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 31 jul. 1969.

²⁸ SALGADO, Plínio. *Arte brasileira*, 1922. (APHRC/FPS-006.004.003). Através de uma versão modificada foi publicado em: SALGADO, Plínio. Arte Brasileira. In: SALGADO, Plínio; PICCHIA, Menotti del; RICARDO, Cassiano. *O curupira e o carão*. São Paulo: Helios, 1927, p. 31-42.

²⁹ SALGADO, Plínio. A poesia em São Paulo no ano do centenário da independência. In: SALGADO, Plínio. *Obras completas: Críticas e Prefácios*. São Paulo: Américas, 1956a. v.19, p. 133-154.

³⁰ SALGADO, Plínio. O Eco. In: BRITO, Mário da Silva. *Poetas paulistas: da semana de arte moderna*. São Paulo: Martins, 1972, p. 161-162

O ano de 1922 foi fundamental para Plínio Salgado no que diz respeito aos avanços culturais obtidos. Ainda atuava de forma tímida, mas principalmente com os contatos estabelecidos, estava aos poucos entrando na rota dos avanços culturais pelo caminho modernista, que passou a ser um passaporte para a saída do anonimato. Plínio Salgado era ambicioso³¹ e sempre buscava as relações que pudessem promover o crescimento e a sua promoção pessoal. Mas há a necessidade de destacar que todo avanço ocorreu em torno dos preceitos políticos existentes em sua formação autodidata, através do ufanismo paterno e do cristianismo materno oriundos de São Bento do Sapucaí.

Plínio Salgado compactuou com uma questão efêmera existente na Semana de Arte Moderna, que reside na dificuldade e impossibilidade total de promover um pensamento único entre os participantes do movimento: “Não há um ideal capaz de irmanar as almas, congregando-as sob uma mesma bandeira.”³² Tal questão identificada em 1922 ocorreu com intensidade nos anos seguintes e ao analisar a heterogeneidade do movimento, com a intenção de justificar a presença de Plínio Salgado no evento afirma-se que:

A estetização da política seria, realmente, uma pista para se lançar luz no motivo do desdobramento da corrente literária modernista numa doutrina política autoritária em 1932? Por trás dessa questão existe outra mais inclusiva, a saber: através de que ângulo podemos situar os escritores que se enquadram na ala direita do modernismo? Um dos aspectos mais delicados do movimento de 22 é, sem dúvida, a presença marcante de um setor reacionário. Se o modernismo trouxe nova visão da realidade brasileira e, ao mesmo tempo, revolucionou a linguagem literária, como então explicar a atividade intelectual de um Plínio Salgado, futuro líder fascista [...] Não se pode, é claro, considerá-lo uma experiência homogênea do ponto de vista estético e político.³³

Ao analisar a poesia paulista, Plínio Salgado afirmou: “Como se vê, não temos uma escola literária predominante [...] Bem poucas guardam o mesmo caráter peculiar de estilo, de ideia, de convicções e processos. Temos poetas,

³¹ TRINDADE, Hélio. *Op. cit.*, p. 40.

³² SALGADO, Plínio. *op. cit.*, 1956a, p.138.

³³ VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 85.

que são, a um tempo, adeptos de várias correntes”³⁴ Nota-se que as correntes são elogiadas por Plínio Salgado em 1922 da mesma forma. No ensaio afirmou: “Menotti del Picchia apareceu com os *Poemas do Vício e da Virtude*. Esse livro, maltratado por uma crítica intolerante, dá a impressão de um diamante bruto. Ou de um atleta que está ainda aprendendo a andar”³⁵ Neste discurso, Salgado demonstrou a importância do autor, que esteve ao seu lado no *Manifesto do Verde-amarelismo*, mas ao mesmo tempo disse: “A última novidade, o *prat du jour* da poesia paulistana (é muito cedo para que se diga paulista), dá-nos o poeta Mário de Andrade [...] que merece lugar de destaque no movimento de nossas letras, pelo grande pensamento que traz.”³⁶ Era necessário criar um “ambiente saudável” para que Plínio Salgado alcançasse espaços na intelectualidade paulista.

Vale notar que essa divisão existente entre os modernistas foi alvo de percepção de Plínio Salgado, até porque ele se enxergava no meio desse processo. Após o evento, que pode ser considerado como “o ponto de partida para as conquistas expressionais da literatura brasileira neste século”³⁷, a questão do nacionalismo passou a ser o ponto central para a maioria dos intelectuais e artistas do período. A busca por uma definição da independência cultural do movimento passou a ser respondida por diversos caminhos, e dessa forma os modernistas se organizaram em grupos para expressar suas concepções em manifestos.

De acordo com Plínio Salgado em depoimento à *Revista Cruzeiro* em 1972: “após a Semana de Arte Moderna em 1922, deu-se o que poderemos chamar de ‘diáspora’ dos elementos que promoveram; entretanto, houve um denominador comum: o sentido brasileiro dos novos literatos e artistas.”³⁸

O primeiro deles foi o *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, lançado por Oswald de Andrade em 1924. Nele era apresentada uma definição de novos princípios para a poesia por meio de uma revisão cultural do Brasil com a valorização do

³⁴ SALGADO, Plínio. *Op. cit.*, 1956a, p.140.

³⁵ *Ibidem*, p. 147.

³⁶ *Ibidem*, p. 152-153.

³⁷ TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 277.

³⁸ SALGADO, Plínio. 50 anos de modernismo: o depoimento de Plínio Salgado (depoimento). *O cruzeiro*. Rio de Janeiro, 09 fev. p.90-91, 1972, p. 90.

elemento primitivo. Defendia a assimilação do “inimigo” estrangeiro para fundi-lo à cultura nacional e buscava a produção de uma síntese dialética que teria como objetivo resolver as questões de dependência cultural, formuladas tradicionalmente por meio do binômio nacional X cosmopolita. Esse *Manifesto* rejeitava as formas cultas e convencionais da arte e defendia aspectos de uma independência mental vindos do espírito revolucionário de 22, tendo como objetivo a busca de uma expressão que retratasse a sociedade brasileira contemporânea.³⁹ Com o lançamento do *Manifesto Antropofágico*, em 1928, o pensamento de Oswald de Andrade foi radicalizado, sendo considerado como uma síntese das ideias amadurecidas durante a fase do modernismo brasileiro, tendo como base de inspiração o *Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels.⁴⁰

Ao pensamento anterior, Plínio Salgado fez duras críticas, notadamente com a intenção de mostrar-se como um nacionalista superior em comparação aos confrades modernistas:

Aqueles que continuaram, dentro da nossa revolução literária, com o espírito europeu de viajantes curiosos ou experimentalistas, perderam-se numa brasiliade artificial, que se desenvolveu guardando a linha das escolas decadentes em que se bolchevizou e destruiu a arte no Velho Mundo. Os outros, porém, evolveram para uma nova expressão de nacionalismo, transferindo-se, em seguida, para campo social e político.⁴¹

Contra esses manifestos divulgou-se, em 1929, o *Manifesto do Verde-amarelismo*. Assim como nos manifestos anteriores, pode ser encontrado um discurso baseado no nacionalismo cultural e político, mas, por sua vez, inserido no contexto de ascensão dos movimentos conservadores e radicais europeus. Foi inspirado nesses regimes autoritários que o nacionalismo desse grupo mostrou sua ação, pois para os intelectuais envolvidos, a estrutura republicana era incompatível com o ideário nacionalista. Um dos principais defensores desta organização política cultural foi Plínio Salgado.

Plínio encontrou no grupo verde-amarelo uma concepção de nacionalismo, mas para ele era necessário aprofundar o debate, por isso fundou o grupo Anta:

³⁹ ANDRADE, Oswald de. *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990, p. 41-45.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 47-52.

⁴¹ SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935a, p.9.

“uma espécie de ala esquerda do *verdeamarelismo*.⁴² Para Plínio Salgado, esse momento representa o rompimento com os modernistas e com os verdeamarelos, iniciando com o Anta a radicalização do pensamento, que curiosamente denomina como ala esquerda do movimento, uma vez que as concepções políticas do autor estão pautadas no ultra-nacionalismo de base direita extremista. Para Plínio Salgado era preciso criar a consciência da nacionalidade, pois a Revolução do Anta cumpria o papel de criador do pensamento, uma vez que a gênese da AIB começava a ser desenvolvida.

Plínio Salgado desenvolveu um discurso de rompimento com os modernistas através de uma visível crítica aos intelectuais que não se transportavam do nível cultural para o político: “Esse nacionalismo não quer, porém, o país reduzido ao museu universal, cheio de estátuas e de telas, onde o mundo vem admirar as gerações mortas.”⁴³

Ao mesmo tempo em que as agitações modernistas afloravam na cidade de São Paulo, questões políticas eram debates dominantes. Plínio Salgado, que já era filiado ao PRP, promoveu um processo de radicalização interna com a intenção de renovar o partido oligárquico, com ideias pretensiosas e ambiciosas o jovem rapaz que havia chegado há pouco tempo do interior de São Paulo demonstrava possuir um pensamento forte no sentido do crescimento social, político e cultural.

No início de sua ação ideológica no seio do PRP, Salgado se engaja numa corrente que quer renovar o velho partido. Os amigos políticos de Salgado interpretaram sua participação na tentativa de renovar o Partido Republicano, bem como sua atividade literária, como fazendo parte de uma estratégia pessoal.⁴⁴

Plínio Salgado enfrentou os modelos internos do partido com o intuito de criar uma nova política baseada nos aspectos nacionalistas desenvolvidos no movimento reformista de 1922. Fora das lideranças perrepistas e do jornal oficial, *Correio Paulistano*, Salgado já era detentor de certo conhecimento nos órgãos culturais da cidade de São Paulo, despertando alianças e oposições.

⁴² *Ibidem*, p. 10.

⁴³ SALGADO, Plínio. Nacionalismo e colaboração internacional. In: SALGADO, Plínio. *O sofrimento universal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934, p.121.

⁴⁴ TRINDADE, Hélio. *Op. cit.*, p. 40.

Percebe-se que os anos seguintes à Semana de Arte Moderna, foram períodos para reflexões internas referentes aos caminhos que seriam atingidos por Plínio Salgado. Apenas em 1926, o autor voltou a produzir com intensidade, pois foi justamente nesse ano que ocorreu o lançamento da sua principal obra ficcional, *O estrangeiro*, que o colocou efetivamente na política e em um espaço de maior relevância na cultura nacional, a ambição reformista pliniana estava se consolidando.

A tentativa de renovar o partido fracassa, mas Salgado permanece ligado ao PRP até a Revolução de 30. Em 1927, com o sucesso de *O estrangeiro*, recebe convite para se apresentar às eleições legislativas e é eleito deputado estadual em São Paulo juntamente com Menotti del Picchia.⁴⁵

Com a publicação do romance e o mandato de deputado estadual, o interiordano que alcançou conhecimento com a semana de arte moderna: “transforma-se num dos autores mais famosos do movimento. Vale observar que o livro, um dos primeiros romances modernistas, recebeu excelente acolhida – a primeira edição esgotou-se em 20 dias.”⁴⁶ Ainda em 1926, o autor publicou o texto intitulado: Aventuras do Alferes Chicão na revista, O Conto Nacional, um periódico de propriedade de Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo considerado como uma: “rara iniciativa modernista pela popularização literária, que parece não ter passado do primeiro número.”⁴⁷ O texto publicado nesta única edição foi posteriormente publicado nas Obras completas inserida em Contos e Fantasias em 1956.⁴⁸

Plínio Salgado foi responsável pela criação literária de várias obras. Em todas é possível verificar uma relação direta de dominação do pensamento coletivo. Além de ser responsável pelos romances, foi também chefe político no Brasil, liderando milhares de cidadãos em torno do pensamento integralista. Dentro desse processo, é possível observar uma dominação, de fato, da consciência coletiva em torno da consciência possível.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 41.

⁴⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p.23.

⁴⁷ PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. *Tradição e modernidade: Afonso Schmidt e a literatura paulista – 1906-1928*. São Paulo: Annablume, 2002, p.106-107.

⁴⁸ SALGADO, Plínio. *Obras completas: Contos e Fantasias*. São Paulo: Américas, 1956. v. 20, p 85-125.

No mesmo ano citado, 1926, Plínio Salgado publicou sua principal composição ficcional: *O estrangeiro*⁴⁹, cuja temática central é uma crítica à sociedade brasileira nos primeiros anos do século XX, com o propósito de refletir sobre o modelo nacionalista a ser empregado no Brasil. Como pano de fundo, o romance faz um debate em relação ao papel do imigrante no desenvolvimento da nação.

A obra, que é situada entre os anos de 1913 e 1923, foi na época do lançamento tida como inovadora e um sucesso de vendas. O autor e grande parte da crítica literária considerou-a uma expressão modernista, por destacar a estética, organização textual e o conteúdo nacionalista. Nela pode-se encontrar toda a base do pensamento plimiano e a complexidade e relevância apontada pelo autor:

Quando publiquei o meu livro *O estrangeiro*, senti o grande choque de duas gerações no meu espírito. A figura de Ivã procedia ainda do mal de antes da Guerra; e Juvêncio era já o retorno ao sentimento da terra e da raça, esboçando uma finalidade. Em redor de mim, eu vi crescer os moços de minha idade, realizando com suas obras o mais notável movimento intelectual da América do Sul. Tinha ainda um caráter de libertação, como aqueles da geração que nos precedera. Mas agora, queríamos nos libertar da liberdade, da indisciplina, de todos os falsos caracteres que revestiam as nossas expressões de cultura literária e política. Acreditávamos já em alguma coisa. Acreditávamos, por exemplo, no Brasil. A revolução literária determinou a revolução política. De Alberto Torres, excluímos o prejuízo do tempo e servíamo-nos do seu processo de observação. De Euclides da Cunha, tomávamos a formidável expressão da Terra e do Homem onde residem ‘as grandes reservas nacionais’, na expressão de Oliveira Viana. Farias Brito trazia-nos a inquietação espiritual.⁵⁰

Nesse primeiro romance, o pensamento político estava em processo de cristalização. Portanto, é possível notar, um expressivo nacionalismo, que foi o componente central da inspiração para a organização do movimento integralista e o encontro do autor com sua política: “O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo.”⁵¹ Completa:

Numa viagem que fiz no sertão Araraquarense, veio-me a inspiração de um romance em que se focalizasse o fenômeno da assimilação dos imigrantes ao

⁴⁹ Cf.: GONÇALVES, Leandro Pereira. *Literatura e autoritarismo: o pensamento político nos romances de Plínio Salgado*. 2006. 124f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

⁵⁰ SALGADO, Plínio. O otimismo na vida de Machado de Assis. In: SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*. 5 ed. São Paulo: GRD, 1995, p.101.

⁵¹ SALGADO, Plínio. *Op. cit.*, 1935a, p. 5

todo nacional, o avanço do caboclo derrubando as matas, a decadência das famílias antigas e o surgimento de novos valores sociais.⁵²

O autor era um entusiasta da obra e, em centenas de oportunidades no decorrer da vida, citou o romance como uma referência para a compreensão do seu pensamento. O primeiro romance circulou pelo país como uma obra de reflexão sobre a nação brasileira. *O estrangeiro* é “uma excelente introdução para o pensamento integralista brasileiro.”⁵³ Tal afirmação é confirmada pelo próprio Plínio Salgado que, após o lançamento do livro em 1926, disse: “Estava lançado, com ele, um grande movimento nacional, que mais tarde se corporificou na Ação Integralista Brasileira.”⁵⁴

Após vários artigos, ensaios e estudos, no ano de 1929, a composição nacionalista de Plínio Salgado passou a ser mais evidente com o lançamento oficial do Manifesto do verde-amarelismo ou da Escola da Anta:

O título deste manifesto foi dado pela *Revista do livro*, n.16, 1959, que transcreveu do *Correio Paulistano*, de 17 de maio de 1929. O jornal, ao noticiar o documento, é que o chamou de ‘Nheengaçu da tribo verdeamarela’, no que foi seguido pelos organizadores da revista. Além disso, o texto estava assinado por Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Alfredo Élis, Cassiano Ricardo e Cândido Mota Filho, nesta ordem e não como estava nas outras edições.⁵⁵

Plínio Salgado explica o termo: “Nheengassú é uma fala grande, um discurso”⁵⁶ e assim, temática nacionalista era cada vez mais visível e a consolidação do movimento integralista estava em processo de rápida construção. No citado manifesto, a noção do grupo era expressa: “Temos de construir essa grande nação, integrando na Pátria Comum todas as nossas expressões históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas. Pela força centrípeta do elemento tupi.”⁵⁷

⁵² SALGADO, Plínio. *Op. cit.*, 15 set. 1968.

⁵³ TONUS, José Leonardo. *O estrangeiro de Plínio Salgado: un roman sur l'immigration?* Université de Paris III - Sorbonne Nouvelle, 2000. Disponível em: <http://www.univ-paris3.fr/recherche/sites/edel/DEA/Bresil/DEATonus.pdf>. Acesso em: 12 set. 2005, p.02 (minha tradução). “une excellente introduction à la pensée intégraliste au Brésil”

⁵⁴ SALGADO, Plínio. *Op. cit.*, 1956b, p. 373.

⁵⁵ TELES, Gilberto Mendonça. *Op. cit.*, p. 361.

⁵⁶ SALGADO, Plínio. A língua tupi. In: SALGADO Plínio. *Obras completas: Críticas e Prefácios*. São Paulo: Américas, 1956. v. 19, p. 215.

⁵⁷ SALGADO, Plínio. et al. Nheengaçu verde amarelo: Manifesto do verde-amarelismo ou da Esco-

No mesmo ano de divulgação deste manifesto, ocorreu a grande depressão com a crise da bolsa de valores de Nova Iorque. Com ela a economia brasileira foi atingida e ficou totalmente arrasada, dando início a uma crise generalizada na sociedade política brasileira que irá culminar com um movimento de luta em 1930, que teve como objetivo derrubar a oligarquia e formar um novo Estado. Antes do conflito que colocou Getúlio Vargas no poder, Plínio Salgado foi convidado pelo então candidato à Presidência da República Júlio Prestes de Albuquerque: “para dirigir a propaganda da chapa: Júlio Prestes – Vital Soares.”⁵⁸ Plínio Salgado enxergava esta ação como uma possibilidade de congregar dois dos elementos centrais dos objetivos plinianos: política e intelectualidade, que teve no oportunismo modernista uma das principais ações:

Diante desse panorama, para agir dentro das realidades do país, o que Plínio Salgado tinha a fazer era um trabalho duplo: enquanto procurava despertar as elites através de um movimento literário, tentar criar, dentro dos muros de um dos partidos estaduais mais fortes, uma corrente renovadora. Foi o que, de fato, Plínio Salgado fez, contando com o prestígio do Sr. Júlio Prestes, quando Presidente de São Paulo.⁵⁹

No meio do processo eleitoral, Plínio Salgado recebeu um convite do amigo Alfredo Egídio de Souza Aranha para acompanhar o cunhado, Joaquim Carlos em uma viagem à Europa. Assim ocorreu o momento de consolidação de fato da criação da Ação Integralista Brasileira, através das reflexões literárias pautadas na década de 1920 e as experiências europeias de base conservadora radical. A mescla de influências vindas dos debates políticos e culturais foram os elementos centrais para o desenvolvimento do conservadorismo brasileiro e a liderança suprema de Plínio Salgado em torno do nacionalismo espiritualista.

A viagem de Plínio Salgado teve dois fatores e consequências preponderantes: a política e a religião que na realidade era apenas uma no fator concebido por Plínio Salgado. A partir deste momento, a política era sobreposta à literatura, não que esta deixasse de existir, até porque, vários outros romances e obras poéticas foram publicadas. No entanto, o Plínio Salgado político e líder do movimento

la da Anta. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Op. cit.*, p. 364-365.

⁵⁸ ALBUQUERQUE, Carlos de Faria. *Op. cit.*, p. 18.

⁵⁹ SALGADO, Plínio. et al. *Plínio Salgado*. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936, p.16.

integralista passou a ser evidente, uma vez que o contato com a política europeia, notadamente o fascismo de Mussolini, fez com que Plínio enxergasse a saída para o Brasil.

Lembro-me bem das palavras da minha despedida. Mussolini lera no meu olhar o meu grande amor pelo Brasil. Augurou-me os mais completos trunfos a mocidade do meu país. E concitando-me a não esmorecer no entusiasmo e na fé pelo futuro do Brasil, pediu-me que fizesse justiça a sua Itália. [...] Foi assim que eu comprehendi, foi assim que eu vi a Itália.⁶⁰

Com o retorno para o Brasil, organiza-se politicamente para a fundação em 1932 da Ação Integralista Brasileira. No marco inicial do movimento, o *Manifesto de outubro de 1932*, Plínio Salgado expôs com clareza seus propósitos para o Brasil. O romancista e político deixava muito claro o desejo: a defesa de uma política nacionalista baseada em um conservadorismo burguês, tendo a manutenção da propriedade como forma de organização social, a aversão ao cosmopolitismo para a defesa de uma sociedade forte e organizada dentro de um contexto tradicionalista de base burguesa.

A concepção integralista esteve presente durante toda a vida, até a morte em 1975. Vê-se que suas obras têm como objetivo central a política e a sociedade brasileira e servem de parâmetro para compreender o pensamento nacionalista de Plínio Salgado. O crítico literário Wilson Martins exalta essa literatura aliada ao integralismo “O criador do integralismo – que interessa duplamente à história modernista, seja por representar uma das correntes políticas saídas do Movimento, seja por haver escrito os primeiros e, de resto, os melhores romances políticos da primeira fase.”⁶¹

O objetivo dessa discussão é desenvolver análises expressas pela linguagem do mundo visto e do não-visto através da escrita, discutindo o diálogo da história com a literatura, criando mecanismos capazes de analisar o processo de criação nacionalista do líder integralista, Plínio Salgado.

⁶⁰ SALGADO, Plínio. *Como eu vi a Itália*. In: SALGADO, Plínio. *Hierarchia*, mar/abr. 1932, p. 205.

⁶¹ MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. v.6, p.249.

